

## Josef Pieper: *Obras Completas* - os Doze Trabalhos de Berthold Wald

**Jean Lauand**  
Prof. Titular Feusp  
jeanlaua@usp.br

### Josef Pieper: o homem e a obra

A edição das obras completas de Josef Pieper (1904-1997), um dos mais importantes filósofos de nosso tempo, está já terminada. A recente publicação, em março de 2008, do volume 8,2 coroa o trabalho de editor do Prof. Dr. Berthold Wald das *Werke* de Pieper, em 11 tomos e um CD, publicadas pela Meiner Verlag, de Hamburgo: [http://www.meiner.de/index.php?cPath=3\\_27&content=recherche](http://www.meiner.de/index.php?cPath=3_27&content=recherche)

O professor Wald iniciou essa tarefa por indicação do próprio Josef Pieper em estreita colaboração com ele. De fato, já em 1990, Pieper consultou Wald sobre essa possibilidade e ele, com a *Josef Pieper Stiftung* e o apoio da *Stifterverbandes für die deutsche Wissenschaft*, começou o trabalho em 1993. Em 1995 começaram a aparecer os alentados tomos, que agora se completam e se encontram no CD que coroa essa monumental obra.

A editora espanhola *Encuentro* pretende publicar a tradução ao castelhano de todo o trabalho e já lançou o vol. 3: <http://uk.agapea.com/Obras-de-Josef-Pieper-3-Escritos-sobre-el-concepto-de-filosofia-n36487i.htm>

Josef Pieper nasceu a 4 de maio de 1904 em Elte (Westfália) e morreu em 6 de novembro de 1997, em Münster, a cidade onde viveu e lecionou. Coursou Filosofia, Sociologia e Direito nas Universidades de Berlim e Münster. Doutorou-se em Filosofia em 1928 pela Universidade de Münster com a *tese Die ontische Grundlage des Sittlichen nach Thomas von Aquin*, depois publicada com o título *Die Wirklichkeit und das Gute nach Thomas von Aquin*.

De 1928 a 1932 foi assistente no *Forschungsinstitut für Organisationslehre und Soziologie*. De 1932 a 1940, anos em que atua como escritor *free-lancer*, publicou muitos livros (diversos deles proibidos e apreendidos pelo governo totalitário). A apreensão de *Grundformen sozialer Spielregeln* (1933), por ser um livro antitotalitário; a selvageria do expurgo de 1934, bem como a destituição do pai, injustamente desligado do magistério, produziram em Pieper, já desde o primeiro momento, "uma certeza definitiva: com esse regime não há compactuação possível"<sup>1</sup>.

Suas convicções antinazistas possibilitaram que fosse um dos primeiros alemães a visitar, pouco depois da guerra, a Inglaterra (convidado pelo *British*

---

<sup>1</sup> *Noch wusste es niemand*, München, Kösel, 3ª. ed. 1979, p. 110. Para esta apresentação de Pieper, retomo algumas considerações que fiz em *O que é uma universidade*, S. Paulo, Edusp-Perspectiva, 1986.

*Council*) e os convites para lecionar em universidades americanas. Casou-se em 1935 e teve com sua esposa Hildegard - falecida em 1984 - três filhos: Thomas, Monika e Michael.

Lecionou em diversas universidades e, da sua, a de Münster, onde ensinou por cerca de cinquenta anos, afastou-se somente em 1996, aos 92 anos de idade: “é preciso saber parar na hora certa”, dizia.

Entre diversas distinções, foi doutor *honoris causa* em Teologia pelas Universidades de Munique e Münster e em Filosofia pela Universidade de Eichstätt, recebeu a *Aquinas Medal* da American Catholic Philosophical Association (1968) e o prêmio Balzan de 1982 (primeiro alemão a receber este prêmio internacional considerado o Nobel das Ciências Humanas). Em 1987 recebeu o *Staatspreis* de Nordrhein-Westfalen e, em 1990, o *Ehrenring der Görres-Gesellschaft*.

Foi também professor visitante em diversas universidades dos Estados Unidos (Stanford e Notre Dame), Índia, Japão e Canadá (*Centennial Professor* em Toronto) e membro da Rheinisch-Westfälischer Akademie der Wissenschaften, da Deutsche Akademie für Sprache und Dichtung (Darmstadt) e da Pontificia Accademia Romana di S. Tommaso d'Aquino.

Destacaremos a seguir alguns aspectos relativos à formação de seu pensamento.

Como muitos jovens alemães do atribulado período imediatamente posterior à Primeira Guerra, Pieper participou da *Jugendbewegung*<sup>2</sup>. A primeira grande influência intelectual e que mais profundamente o marcou naqueles começos dos anos vinte, foi a excursão a Rothenfels<sup>3</sup> e o encontro com Romano Guardini, que, de modo vivo e apaixonante, abriu àqueles jovens, amplos horizontes de cristianismo e da realidade do "cúltico-sacramental". A Guardini - em seus oitenta anos - Pieper dedicaria *Über die platonischen Mythen*.

Sessenta anos depois daquele contato em Rothenfels, Pieper, nos *Buchstabier-Übungen*<sup>4</sup>, julga necessário lembrar ao nosso tempo aqueles mesmos critérios que lhe foram apontados por Guardini sobre Liturgia algo que reitera no seu *Lesebuch* (preparado pelo próprio Pieper)<sup>5</sup>.

O vol. 7 das *Obras Completas* recolhe seus trabalhos sobre temas religiosos:

<b>RELIGIONSPHILOSOPHISCHE SCHRIFTEN</b>	
I. TEIL: WEITERGABE DES GLAUBENS	1
II. TEIL: PRAEAMBULA FIDEI	129
VERNUNFT UND OFFENBARUNG	129
SCHULD UND VERGEBUNG	257
RECHTFERTIGUNG DER HOFFNUNG	291
III. TEIL: PRAEAMBULA SACRAMENTI	369
HEILIGE HANDLUNG	369
DIFFERENTIA SPECIFICA DES PRIESTERTUMS	437
SAKRALE SPRACHE	477
SAKRALER RAUM	537
ERFÜLLTE ZEIT	575

---

<sup>2</sup> *Idem*, pp. 31 e ss.

<sup>3</sup> *Idem*, pp. 42 e ss.

<sup>4</sup> München, Kösel, 1980, pp. 82 e ss.

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, *Lesebuch*, München, Kösel, 1981, p. 13; *Unaustrinkbares Licht*, 2a. ed., München, Kösel, 1980, p. 21 ou *Lieben, hoffen, glauben*, München, Kösel, 1986, p. 313. A ênfase que estamos dando a Guardini deve-se a que foi o iniciador do interesse pela temática cristã que irá acompanhar Pieper ao longo de toda a sua vida.

Outro ensinamento de Guardini frequentemente citado por Pieper, em tema que lhe é tão essencial como a Criação, é o que se encontra no capítulo sobre o caráter verbal das coisas do livro *Welt und Person*. Aí se diz, por exemplo: "Ora é do Verbo em Deus que provêm todas as coisas, e por isso estão todas elas marcadas por um caráter verbal. Não são meras realidades ou significações privadas de sentido num espaço mudo"<sup>6</sup>; passagem de evidente sabor pieperiano.

Aliás, o tema *Das Wort*, tão profundamente arraigado no autor que estudamos, foi objeto de seu primeiro contato com a obra de Santo Tomás<sup>7</sup>, único pensador a quem Pieper designa pela expressão "meu mestre"<sup>8</sup>, "meu venerado mestre"<sup>9</sup>. Tinha então dezoito anos e, por sugestão de um professor, pôs-se a ler um texto que o fascinou: o comentário do Aquinate ao Prólogo do Evangelho de São João. Um homem que pensa e escreve com muito vagar, diz Pieper de si mesmo<sup>10</sup>, com o que, na realidade, expressa que os temas de que se ocupa são extremamente profundos; transcorridos mais de sessenta anos, relatou-nos: "Meu tema no *Thomas Colloquium* será 'Palavra e Logos' e devo ler e (tentar) interpretar o Comentário de S. Tomás ao Prólogo de S. João"<sup>11</sup>.

Já na universidade, Pieper empreendeu o trabalho sistemático da leitura da *Summa de Santo Tomás*<sup>12</sup>; os cursos, pouco motivantes, apoiados em "manuais tomistas de terceira classe", tiveram pelo menos a vantagem de lhe sugerir o contato com a fonte. Ainda que "meu interesse primário não fosse S. Tomás de Aquino. Eu queria saber 'não o que os outros pensavam mas a verdade das coisas'"<sup>13</sup>.

Aos trabalhos diretamente ligados à interpretação de S. Tomás, é dedicado o vol. 2 das *Obras Completas*: "**Darstellungen und Interpretationen: Thomas von Aquin und die Scholastik**"

Ainda uma vez em Rothenfels (verão de 1924) ao ouvir Guardini discorrer sobre o espírito clássico em S. Tomás de Aquino e Goethe - celebrava-se o 175º aniversário do nascimento do poeta - e mostrar que esse espírito consiste em voltar-se para a realidade, catalizou-se em Pieper - e pôde então formular claramente - uma convicção que já desde as primeiras leituras da *Summa* se lhe insinuava e que iria acompanhá-lo ao longo de toda a sua vida: a realidade como fundamento do dever, tema de sua tese de doutoramento. O vol. 5 das *Obras Completas* traz suas obras sobre ética/antropologia filosófica: **Schriften zur philosophischen Anthropologie und Ethik: Grundstrukturen menschlicher Existenz**

Em 1926 começa a interessar-se pela Sociologia e conhece Johann Plenge, de quem seria assistente durante quatro anos, e de quem aprenderia o senso do concreto próprio do sociólogo. Uma primeira fase da obra de Pieper (de 1929 a 1934), será dedicada à *Questão Social* (procurando, por exemplo, o verdadeiro e radical sentido da doutrina social da Igreja contra as atenuações conservadoras das traduções oficiais)<sup>14</sup>.

Os escritos desses primeiros anos estão no vol. 9 das *Obras Completas*: **Frühe soziologische Schriften**.

<sup>6</sup> Guardini, Romano, *O Mundo e a Pessoa*, São Paulo, Duas Cidades, 1963, p. 179.

<sup>7</sup> Cf. *Noch wusste es niemand*, pp. 53 e ss.

<sup>8</sup> Cf., por exemplo, *Noch nicht aller Tage Abend*, München, Kösel, 1979, pp. 139 e 157.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>10</sup> Carta a JL, 25-6-82.

<sup>11</sup> Carta a JL, 27-12-84.

<sup>12</sup> *Noch wusste es niemand*, pp. 68 e ss.

<sup>13</sup> *Idem*, p. 69. Observe-se que a sentença ao final da citação, na realidade, é de Santo Tomás (*In De Caelo et mundo* 1, 22).

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 102.

Numa segunda fase, definitiva, de seu pensamento, que se estende até sua morte, ocupar-se-á de dialogar com Platão, Tomás e os grandes antigos; e de temas reveladores como o filosofar e as virtudes.

O vol. 1 das *Obras Completas* tem por tema a interpretação de Platão: **Darstellungen und Interpretationen: Platon.**

Também as virtudes, *Obras Completas* vol. 4, são entendidas como Antropologia, o ser do homem: **Schriften zur philosophischen Anthropologie und Ethik: das Menschenbild der Tugendlehre.**

A mais lúcida das caracterizações do pensamento pieperiano é, parece-nos, a feita por Eliot e que vale a pena recolher aqui:

A raiz das extravagâncias da Filosofia moderna (...) reside no fato de que a Filosofia tenha se divorciado da Teologia. Ao fazer essa afirmação é necessário antecipar-se à resistência que ela suscita: uma resistência que procede de uma imediata reação sentimental que se expressa dizendo que qualquer dependência da Teologia seria uma limitação da liberdade de pensamento do filósofo. É preciso tornar claro o que se entende por necessária relação entre Filosofia e Teologia e a implicação que tem uma fé religiosa na Filosofia. Não empreenderei aqui a exposição desses pontos, pois isso já foi feito, e muito melhor, por Josef Pieper: desejo somente chamar a atenção para esse ponto central em seu pensamento. Ele, pessoalmente, é um filósofo católico que se baseia em Platão, Aristóteles e nos escolásticos: e deixa sua posição clara para os leitores. Mas seus escritos não constituem uma *apologética cristã* - que, a seu ver, é tarefa do teólogo. Para Pieper, uma Filosofia conectada com outra comunhão que não a de Roma, ou de alguma religião que não as cristãs, seria ainda genuína Filosofia. É significativo que, de passagem, encontre palavras de concordância com o existencialismo de Sartre, pois encontra aí pressupostos religiosos - totalmente diferentes dos que o próprio Dr. Pieper sustenta. Um dos pontos mais importantes da pesquisa que o Dr. Pieper empreende é a fundamentação de uma reta relação entre Filosofia e Teologia, que deixa o filósofo com autonomia no seu próprio campo de pesquisas. De um modo mais amplo, sua influência vai dirigida ao restabelecimento da Filosofia na dignidade de algo importante para o homem culto e pensante, em vez de ser confinada a atividades esotéricas que só indiretamente podem atingir o público, de modo insidioso e freqüentemente distorcido. Ele põe no devido lugar o que o conhecimento comum insistentemente nos diz: que o *insight* e a sabedoria são componentes da Filosofia<sup>15</sup>.

A temática final do filosofar de Pieper é a Antropologia Filosófica, na qual a intuição - guiada principalmente pelos quatro grandes mestres da tradição ocidental: Platão, Aristóteles, Agostinho e Tomás - volta-se para o aprofundamento do sentido do fenômeno, sobretudo a partir da linguagem comum. É, diríamos nós, empregando linguagem cara a Pieper, uma *Weisheit* fundamentada num *Weistum*<sup>16</sup>.

Junte-se a tudo isto seu talento de escritor e teremos - dentro da intrínseca dificuldade, por vezes extrema dos assuntos de que trata - um estilo brilhante, com a clareza da simplicidade e da comunicação serena e direta com o leitor. Pieper - na feliz formulação do saudoso D. João Mehlmann - nos dá Tomás em pequenas doses: a sobriedade de seu estilo condensa, por vezes, em meditações de uma página<sup>17</sup> temas

<sup>15</sup> ELIOT, T. S. "Introduction" a *Leisure the Basis of Culture*, London, Faber & Faber, 1952, pp. 14-16.

<sup>16</sup> A distinção entre esses dois conceitos foi-me apontada pelo Dr. Erwin Theodor (a propósito do título de uma obra de Pieper: *Weistum, Dichtung, Sakrament*). Pieper, em carta que nos endereçou (6-1-86), esclarece que utiliza *Weisheit* "para indicar uma qualidade da mente; enquanto *Weistum* significa uma expressão objetiva de sabedoria".

<sup>17</sup> Como, por exemplo, "Viver do Silêncio" e "Sartre e a Existência de Deus", publicadas no Brasil.

de extraordinária abrangência. Aprecia também enunciados sintéticos, que recolhem em poucas palavras grandes intuições<sup>18</sup>.

Os escritos breves estão recolhidos nos vol. 8,1 e 8,2:

#### 8,1 MISZELLEN. REGISTER UND GESAMTBIBLIOGRAPHIE

I. PLATON

II. SCHOLASTIK

III. PHILOSOPHIE

IV. TUGEND

V. MENSCHLICHE EXISTENZ

#### 8,2 MISZELLEN. REGISTER UND GESAMTBIBLIOGRAPHIE

VI. KULTURPHILOSOPHIE

VII. RELIGIONSPHILOSOPHIE

VIII. REZENSIONEN, NOTIZEN, BIOGRAPHISCHES

Personenregister (A-Z-Leiste/ Schnellreferenz) [730]

Anhang zur Ausgabe 737

Alphabetisches Inhaltsverzeichnis 739

Gesamtbibliographie 749

A. Primärbibliographie 749

B. Sekundärbibliographie 796

Essa sua clareza o leva a evitar a erudição hermética que encontramos em tantos filósofos (mesmo *Wahrheit der Dinge*, considerado por Pieper o "mais erudito de todos os meus escritos"<sup>19</sup> não é leitura árdua).

Mas não se trata apenas de uma questão de estilo. Na realidade, as raízes da *simplicitas* de Pieper encontram-se em convicções filosóficas. No posfácio<sup>20</sup> que escreveu para a edição alemã do livro sobre a dor de C. S. Lewis, Pieper tece considerações, referindo-se a esse autor, que podem perfeitamente aplicar-se à sua própria obra: ainda que nem todos a considerem uma leitura "leve" - assim começa o texto - ninguém pode pôr em dúvida a simplicidade, virtude cada vez mais rara nos escritos filosóficos. A simplicidade é - prossegue Pieper - o "selo de credibilidade" do filósofo e onde não a encontrarmos devemos desconfiar. Distingue a seguir "linguagem" (*Sprache*) de "terminologia" (*Terminologie*). Esta é artificial, fabricada, limitada a especialistas; aquela, a linguagem comum, quotidiana, possui a originalidade e a força da palavra natural. A simplicidade do filósofo mostra-se no fato de estar praticamente livre de terminologia. Hans Urs von Balthasar resume as razões dessa característica do autor de *Was heisst Philosophieren?*:

Pieper mostra que as ciências particulares, ao prescindir do sentido do ser como um todo, podem-se permitir uma linguagem precisa (ou devem contentar-se com ela), enquanto o filósofo, que visa o "sagrado e manifesto mistério" (Goethe) do ser na totalidade e do seu significado, deve sempre considerar a linguagem comum, a que se faz a partir da sabedoria dos que filosofam inconscientemente. "A palavra da linguagem comum humana encerra mais realidade que o termo artificial". E ajunta a surpreendente mas acertada afirmação: "Não só Lao-tse, Platão e S. Agostinho, mas também Aristóteles e S. Tomás - por improvável que isso possa parecer - ignoram toda terminologia especializada". Estes nomes afiançam que a simplicidade a que Pieper alude - selo de credibilidade - de modo algum se confunde com uma trivial

<sup>18</sup> Cf., por exemplo, *Buchstabier-Übungen*, p. 67 (*Agendo patimur esse*).

<sup>19</sup> *Noch wusste es niemand*, p. 184.

<sup>20</sup> Trata-se do texto intitulado "Über die Schlichtheit in der Philosophie", publicado em *Erkenntnis und Freiheit*, München, DTV, 1964, pp. 97 a 102.

clareza de banalidade. Por que não? Porque o método de cada ciência só é correto quando se deixa determinar pelo objeto. A História ou a Psicologia têm um modo diferente de precisão do que a Física ou a Biologia. Para Pieper, esta sentença fundamental sempre tem sido o seu ponto de partida: acolher e admitir o fato tal como ele se dá, na sua própria verdade, bondade e beleza é o pressuposto para se aprender algo dele<sup>21</sup>.

### **Algumas constantes do filosofar de Josef Pieper**

#### *O Fenômeno*

Neste tópico trataremos de algumas constantes metodológicas de Pieper. Note-se, porém, que falar de "metodologia" quando nos referimos a um pensador como Pieper é impróprio na medida em que esse termo sugira operacionalidade ou qualquer tipo de procedimento rígido. Pois, na realidade, filosofar é, para Pieper, "um processo existencial que se desenvolve no centro do espírito, um ato espontâneo que arranca da vida interior"<sup>22</sup>.

Aliás, como se poderia falar em metodologia (em sentido próprio e rigoroso) numa obra que tão acertadamente foi qualificada como de *insight* e sabedoria?<sup>23</sup>

Isto estabelecido, passemos a analisar algumas constantes "metodológicas" pieperianas.

Começamos pelo *fenômeno*. Em seu estudo filosófico sobre o sagrado, encontramos, explicitada pelo próprio autor, o voltar-se para o fenômeno como uma de suas atitudes habituais enquanto filósofo: "*Como sempre*, começaremos por apontar do melhor modo possível a resposta (a uma indagação filosófica) dirigindo a atenção ao fenômeno, isto é, àquilo que se manifesta"<sup>24</sup>.

E, de fato, logo a seguir, recolhe situações (muitas delas vividas pelo próprio autor) onde se manifesta o tema que se propôs, no caso, o sagrado: a obrigação de descalçar-se para entrar em uma mesquita (em atenção ao lugar), a proibição de fumar aos sábados em Israel (em atenção ao tempo sagrado) etc.

Desde o mais minúsculo artigo ao mais volumoso livro, sempre a análise pieperiana se alimenta da manifestação, do fenômeno: o *insight* e a sabedoria se encontram justamente em trazer à consideração aquilo que realmente é significativo e em saber encontrar aí a profunda dimensão filosófica.

Com o fenômeno, Pieper traz a colorida viveza do concreto, da experiência, o que torna a leitura algo fascinante, que se impõe com o peso da realidade, não permitindo sequer o aparecimento da célebre objeção contra a obscuridade dos filósofos, homens - assim se formula a irônica objeção - "com os pés firmemente cravados... nas nuvens". Essa é a razão pela qual ele vai buscar informação sobre o homem em instituições como a universidade ou em realidades como a festa. Daí seu *Obras Completas*, vol. 6: **Kulturphilosophische Schriften**.

#### *A Questão Filosófica como "Quaestio Disputata"*

Pieper está convencido, é aliás um tema de extraordinária importância em sua filosofia (e a ele ainda voltaremos), de que a Filosofia está dotada de uma "estrutura

---

<sup>21</sup> Prólogo ao *Lesebuch*, pp. 5-6.

<sup>22</sup> *Verteidigungsrede für die Philosophie*, München, Kösel, 1966, p. 28.

<sup>23</sup> ELIOT, T.S., *Insight and Wisdom in Philosophy*, p. 16.

<sup>24</sup> *Über die Schwierigkeit heute zu glauben*, München, Kösel, 1974, p. 25.

de esperança", isto é, jamais se poderá dar resposta cabal a uma indagação filosófica; que é, portanto, um assunto coletivo, a ser tratado em forma de diálogo ou discussão<sup>25</sup>. "E, precisamente por isso, (...um tema filosófico) há de ser examinado, desde o começo, como *Quaestio Disputata*, isto é, de modo tal, que a cada momento sintam-se a presença dos que pensam de outra maneira"<sup>26</sup>.

O que afirmamos acima sobre o diálogo e a impossibilidade de dar resposta cabal, de esgotar um assunto filosófico não significa, evidentemente, que na *quaestio disputata* não se deva tomar uma posição e defendê-la: não se trata, de modo algum, de agnosticismo. Podemos conhecer a verdade, mas não podemos esgotá-la. E, já que o homem pode conhecer a verdade (e na medida em que o pode fazer) a discussão filosófica chega a uma *determinatio*, a uma conclusão.

Pieper considera tão importante o tema da *quaestio disputata* que chega a afirmar que nele se condensa e se põe em evidência o que há de paradigmático em S. Tomás<sup>27</sup>.

Em seu ciclo de doze conferências, originalmente intitulado *Introdução a S. Tomás de Aquino* - onde explicitamente pretende mostrar em que e por que S. Tomás é o doutor universal da Cristandade<sup>28</sup> - dedica toda uma conferência - a sétima - exclusivamente ao espírito da *quaestio disputata*, princípio de renovação da Universidade de hoje.

Dentre as características da *quaestio disputata* de S. Tomás de Aquino (e que se torna em Pieper uma das constantes de seus livros), destacamos a de dar voz ao adversário com toda a honestidade, formulando sem distorções, exageros ou ironia (o que, em geral, nem sempre ocorre nas polémicas e debates de hoje), as posições contrárias às que se defendem.

E - nessa sétima conferência - registra que em S. Tomás a objetividade chega a tal ponto que o leitor menos avisado pode tomar como do Aquinate aquilo que ele recolhe dos adversários a modo de objeção. A propósito, em outra obra<sup>29</sup> lembra o triste exemplo do tão celebrado Carl Prantl, que interpretou como se fosse a posição de S. Tomás objeções brilhantemente por ele apresentadas às suas próprias teses.

Torna-se dispensado dizer que, tal como S. Tomás<sup>30</sup>, Pieper não entende por *quaestio disputata* nada que tenha a ver com sutilezas enfadonhas e estéreis<sup>31</sup>.

#### *A Linguagem Comum*

Pieper, tal como os grandes clássicos antigos e medievais, considera a linguagem, a linguagem comum, sempre campo privilegiado onde se manifesta (e também se esconde...) a realidade.

É de se supor que Platão, Aristóteles, S. Agostinho e S. Tomás sabiam muito bem o que faziam quando começavam sempre por inquirir a linguagem comum: Que pensam os homens quando dizem "liberdade", "alma", "vida", "felicidade", "amor" ou "fé"? É evidente que os patriarcas da Filosofia Ocidental não consideravam isto um mero expediente didático; antes sustentaram a opinião de que sem tal conexão com a

<sup>25</sup> *Verteidigungsrede für die Philosophie*, p. 14.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 14.

<sup>27</sup> *Thomas von Aquin: Leben und Werk*, München, DTV, 1981, p. 86.

<sup>28</sup> *Idem*, p. 9.

<sup>29</sup> *Wahrheit der Dinge*, München, Kösel, 1951, pp. 113 e ss.

<sup>30</sup> *Summa Theologica*. Prólogo.

<sup>31</sup> *Thomas von Aquin: Leben und Werk*. pp. 78 e ss.

linguagem realmente falada pelos homens o pensamento perde sua força, convertendo-se em algo fantástico e carente de base<sup>32</sup>.

A linguagem, dizíamos, manifesta, mas também esconde, a realidade: daí o trabalho de análise feito pela intuição do filósofo que, como é óbvio, não pode ingenuamente endossar sem mais o mero uso cotidiano das palavras, pois nesse uso "há, sem dúvida, abusos; e, como é claro, justamente as palavras-chave do falar humano são as que mais sofrem tais assédios"<sup>33</sup>. Um exemplo, extraído da obra *Über die Liebe*: "Basta ir folheando uma revista ilustrada enquanto esperamos a nossa vez no barbeiro, para dar vontade de nunca mais trazer aos lábios a palavra 'amor', nem mesmo em futuro longínquo"<sup>34</sup>.

E é que o filósofo deve fazer um esforço de depuração e aprofundamento para ser conduzido da linguagem à realidade:

A averiguação do que é verdadeiramente pensado na linguagem viva dos homens não pode, em caso algum, ser considerada tarefa fácil (...) É quase impossível esgotar e circunscrever de modo preciso a significação plena, principalmente das palavras fundamentais (...) Cada indivíduo, ao utilizar de modo espontâneo as palavras, costuma exprimir com elas *mais* do que realmente diz conscientemente<sup>35</sup>.

A seguir, exemplifica com a palavra "semelhança, que é "coincidência em alguns traços" - uma definição aparentemente precisa e que, além do mais, foi tirada do conhecido dicionário filosófico de Johannes Hoffmeister. Pieper mostra que só o uso vivo da linguagem pode manifestar que tal definição é falsa, incompleta, pois carece de um elemento essencial, a saber: a relação de dependência. Só damos por isso quando - voltando-nos para a linguagem viva - nos damos conta de que não se diz que "um pai é semelhante ao filho", mas, que "o filho é que é semelhante ao pai". E, o texto prossegue:

É uma empresa de máxima dificuldade tentar esquadrihar a significação integral de uma palavra fundamental (...) e é necessário imunizar-se contra a tentação de perfeição que pode esconder-se por detrás de definições demasiado precisas.

Como se pode notar, o assunto é bastante problemático, sobretudo quando se tem em conta que é um procedimento constante e de extraordinária importância.

Numa de suas micromeditações, Pieper explicitou uma lei fundamental que subjaz a essas suas análises de linguagem: "Nota-se que uma palavra está sendo usada em sentido impróprio quando sem alteração de sentido (num dado contexto) pode ser substituída por outra"<sup>36</sup>.

Por tudo o que acima fica dito, o leitor não se surpreenderá de encontrá-lo sempre extremamente atento - o filósofo ideal, diz Eliot no seu estudo sobre Pieper, deveria estar familiarizado com todas as línguas - não só às peculiaridades da língua alemã<sup>37</sup>, mas também às do latim e do grego<sup>38</sup>, do inglês<sup>39</sup>, do francês<sup>40</sup>, do russo<sup>41</sup>, do indiano<sup>42</sup> etc.; ao que a linguagem comum diz (ou deixa de dizer).

---

<sup>32</sup> "Glauben", in *Lieben, hoffen, glauben*, p. 261.

<sup>33</sup> "Lieben", in *Lieben, hoffen, glauben*, p. 24.

<sup>34</sup> *Idem*, p. 21.

<sup>35</sup> "Glauben", in *Lieben, hoffen, glauben*, pp. 261-262.

<sup>36</sup> *Verstehen*, p. 2.

<sup>37</sup> Como, por exemplo, no Cap. I de *Über die Liebe* ou em *Verstehen*, p. 2.

<sup>38</sup> Como, por exemplo, no Cap. I de *Glück und Kontemplation*, München, Kösel, 1957.

<sup>39</sup> Como, por exemplo, em *Überlieferung*, München, Kösel, 1970, p. 28.



Um outro problema importante no campo da interpretação da linguagem, sobretudo quando se quer compreender um autor de outra época (o que para Pieper é decisivo) é o que ele denomina "captar o não-dito". Pela especial importância, transcrevemos o texto essencial a respeito:

Sobre o que é evidente não se fala; o que de per si é compreendido "*goes without saying*", passa sem dizer. A questão é saber o que é óbvio e, portanto, pode ficar inexpresso. Nesta, por assim dizer, inocente consideração (também ela de algum modo evidente) reside a máxima e real dificuldade de toda interpretação de texto, na medida em que, no texto que vai ser interpretado, algumas coisas permaneceram sem ser expressas *por causa* de sua evidência; coisas que para quem o interpreta de modo algum são óbvias porque ele não as capta sem mais. E isto significa que, para quem interpreta, a chave da real captação também se alterou. Na interpretação de um texto, sobretudo de um texto de época ou cultura alheia à nossa, o que é pura e simplesmente decisivo (e, ao mesmo tempo, dificultoso) reside nisto: captar os óbvios fundamentais, que subrepticamente entretecem o que foi dito, dar com a chave invisível que subjaz ao expressamente dito. Pode-se até dizer que a doutrina de um pensador "esteja no que diz sem dizer" (Heidegger)<sup>43</sup>.

Pieper propõe como detector e solução para o problema dos "ditos não-ditos", a atenção às "brechas", aos saltos lógicos no discurso (isto é, ao que aparece a quem interpreta como tais), pois é aí que o autor que está sendo interpretado tem suas evidências inexpressas.

#### *Filósofos Antigos e Medievais como Base*

A constante pieperiana que analisaremos neste tópico dá, de modo especial, margem a mal-entendidos, de forma que procuraremos cuidadosamente precisar qual é o sentido da relação de Pieper com os filósofos antigos e medievais e, de modo muito particular, Tomás de Aquino.

Começamos por registrar o fato da constante referência de Pieper a S. Tomás, Platão, Aristóteles e Agostinho. Para que isto se torne mais que evidente, basta consultar o índice onomástico de uma obra sua qualquer. Aliás, é o próprio filósofo de Münster quem o diz:

Nas questões que se referem às realidades fundamentais da existência<sup>44</sup> como esperança amor, graça, liberdade, morte, etc. a originalidade de um pensador individual significa muito pouco (...) enquanto a sabedoria dos antigos mostra-se com um rosto totalmente jovem se a meditamos com suficiente coragem<sup>45</sup>.

Também se expressa do mesmo modo em relação a um tema tão vivamente atual como a Justiça<sup>46</sup>. E num livro em que segue passo a passo S. Tomás (mas a afirmação parece-nos valer para toda a obra de Pieper), afirma fazer essa referência "não com uma intenção histórica, mas para pôr em evidência a força de irradiação que se contém na realidade"<sup>47</sup>.

---

<sup>40</sup> Como, por exemplo, em *Hoffnung und Geschichte*, München, Kösel, 1967, p. 30.

<sup>41</sup> Como, por exemplo, em "Lieben", in *Lieben, hoffen, glauben*, p. 42.

<sup>42</sup> Como, por exemplo, em *Überlieferung*, p. 40.

<sup>43</sup> *Unaustrinkbares Licht*, pp. 13 e ss.

<sup>44</sup> E é precisamente sobre essas e outras *fundamentale Existenzsachverhalten* que versa o filosofar de Pieper.

<sup>45</sup> *Glauben, Hoffen, Lieben*, p. 18.

<sup>46</sup> *Gerechtigkeit heute*, p. 5.

<sup>47</sup> *Wahrheit der Dinge*, p. 10.

Como deve ser entendida então essa constante pieperiana?

Poderíamos qualificá-lo de tomista? Sua resposta a esta pergunta é: não!<sup>48</sup> Não, na medida em que "tomismo" possa dar margem a confusão com um sistema fechado de proposições, que passe ao largo das duas características mais decisivas da atitude de S. Tomás como pensador: a abertura para a totalidade e o caráter *negativo* de sua Teologia e Filosofia.

Trata-se de uma questão de linguagem, na medida em que "tomismo" possa significar 'como disse Gilson', antes uma filosofia *ad mentem Cartesii* que uma *ad mentem Divi Thomae*<sup>49</sup>. Por isso, Pieper julga mais fiel ao espírito de S. Tomás uma recusa do termo "tomismo"<sup>50</sup>: "Quem verdadeiramente filosofa sabe que - ao contrário do que pensam muitos professores de Filosofia - (...) o objeto próprio da Filosofia é a realidade"<sup>51</sup>.

Se a Filosofia versa sobre a realidade (e, portanto, não sobre o que este ou aquele filósofo disse), qual, então, o sentido de tantas referências a S. Tomás, Platão etc.? A resposta a esta pergunta se encontra na quarta conferência de *Thomas von Aquin*, onde Pieper explica o verdadeiro sentido da referência de Tomás a Aristóteles e que é precisamente o mesmo da sua a S. Tomás:

O que interessa a S. Tomás em Aristóteles não é Aristóteles, mas a verdade. Não lhe interessa primariamente "o que os outros pensaram", assim o disse ele próprio, e, precisamente num comentário a Aristóteles, dirigido a averiguar o que Aristóteles realmente pensava. No entanto, em última instância, não lhe interessa o que Aristóteles pensava, "mas qual é a verdade das coisas"<sup>52</sup>.

E mais,

(Quando S. Tomás diz) *sicut patet per philosophum* ele quer dizer como ficou claro por Aristóteles. Não porque seja Aristóteles quem o diga, mas porque tornou-se claro (por Aristóteles, o que não é casual); por isso é verdadeiro. É válido porque é verdadeiro. Quem cita desta maneira não cita, em sentido estrito, uma autoridade; não se liga ao autor<sup>53</sup>.

Também para Pieper, os grandes filósofos antigos e medievais só interessam enquanto testemunhas da verdade; uma verdade que tem de mostrar-se por si mesma e manifestar sua validade em virtude de seus próprios argumentos objetivos<sup>54</sup>.

Nessa perspectiva, destaca-se a figura de S. Tomás de Aquino, na medida em que sua grandiosa obra recolhe o melhor não só da sabedoria da Teologia dos

---

<sup>48</sup> "Não pode haver 'tomismo' porque a grandiosa afirmação que a obra de S. Tomás representa é grande demais para isso (...) S. Tomás nega-se a escolher algo; empreende o imponente projeto de 'escolher tudo'" (*Thomas von Aquin: Leben und Werk*, p. 27). "A grandeza e a atualidade de Tomás consistem precisamente em que não se lhe pode aplicar um 'ismo', isto é, não pode haver propriamente um 'tomismo' ('propriamente', isto é: não pode haver enquanto se entenda por 'tomismo' uma especial direção doutrinária caracterizada por asserções e determinações polêmicas, um sistema escolar transmissível de princípios doutrinários" (*idem*, p. 27). Cf. também os episódios narrados em *Noch nicht aller Tage Abend*, pp. 121-122 e 90-91.

<sup>49</sup> *Thomas von Aquin: Leben und Werk*, p. 143. A sentença de Gilson encontra-se em *The Christian Philosophy...* p. 94.

<sup>50</sup> Em alguns de seus artigos mais antigos ainda aparecem expressões como "Thomistische Ethik" (1932) ou "Thomistische Bemerkungen" (1933), cf. *Schriftenverzeichnis*, pp. 27-28.

<sup>51</sup> Carta a JL (6.4.82).

<sup>52</sup> *Thomas von Aquin: Leben und Werk*, p. 54.

<sup>53</sup> *Idem*, p. 52.

<sup>54</sup> *Idem*, p. 56.

primeiros séculos cristãos, mas também da tradição filosófica grega (o que inclui muito mais que o mero "aristotelismo"). E, além disso, sua obra apresenta uma original unidade, pois brota de uma espiritualidade, vincada pela Sagrada Escritura e pelo culto<sup>55</sup>.

Para finalizar, poderíamos tentar uma caracterização geral da obra de Pieper, formulando-a em duas palavras: S. Tomás-Hoje<sup>56</sup>. Pieper interpreta S. Tomás (no sentido de buscar captar a verdade orientado por S. Tomás) e segue-o, mas numa perspectiva de hoje, a partir da problemática de hoje.

Pense-se, como exemplos fundamentais, no papel desempenhado pelas ciências contemporâneas ou pelas nossas realidades sociais.

A ciência. Ao afirmar que o filosofar deve voltar-se para a experiência, acrescenta que os atos dessa experiência se acumulam e se conservam "antes de tudo, como ninguém ignora, nos arsenais da ciência"<sup>57</sup>, e que, portanto, o filósofo não pode de modo algum passar à margem da ciência<sup>58</sup>.

A realidade social. Como quando, por exemplo, discutindo os conceitos de "bem comum" e de "filosofar" em S. Tomás, o faz com o olhar voltado para o nosso mundo:

Se é verdade que o filosofar é um ato que ultrapassa, transcende o mundo do trabalho, a nossa questão "que significa filosofar?" - aparentemente tão "teórica" e abstrata - transforma-se, de repente e subitamente, numa questão de extrema atualidade histórica<sup>59</sup>.

### *Filosofar e Teologia*

"Conexão entre Filosofia e Teologia" é um ponto apontado unanimemente pelos que analisam sua obra, como uma das principais características de Pieper. Destacamos dois depoimentos de insignes pensadores: Hans Urs von Balthasar e Jacques Maritain. Do primeiro, recolhemos estas palavras: "Pieper destemidamente celebrou o inevitável enlace que 'desde sempre'<sup>60</sup> existiu entre Filosofia e Teologia"<sup>61</sup>.

Maritain, discorrendo sobre a Filosofia da História, e afirmando a especial necessidade de, nesse caso, se recorrer à Teologia, diz:

Para confirmar esses pontos de vista, seja-me permitido mencionar dois livros de eminentes autores, cujas perspectivas são diferentes da minha (bem diferente no segundo caso<sup>62</sup>) e cuja concordância com minhas próprias conclusões é do mais alto interesse para mim. Refiro-me, em primeiro lugar, ao livro de Josef Pieper: *Über das Ende der Zeit. Eine geschichtsphilosophische Meditation*. Pieper, a meu ver, submete à Teologia o *opus philosophicum*, em sua integridade<sup>63</sup>.

---

<sup>55</sup> *Unaustrinkbares Licht*, pp. 57 e ss.

<sup>56</sup> "Thomas heute", artigo publicado por Pieper há mais de setenta anos, parece-nos uma formulação adequada para o seu filosofar.

<sup>57</sup> *Verteidigungsrede für die Philosophie*, pp. 117-118.

<sup>58</sup> *Idem*, p. 120.

<sup>59</sup> *Was heisst Philosophieren?*, pp. 13-14.

<sup>60</sup> A expressão "desde sempre" (*immer schon*) é empregada freqüentemente por Pieper ao tratar das relações entre Filosofia e Teologia (por exemplo, em *Was heisst Philosophieren?*, p. 88).

<sup>61</sup> Prefácio ao *Lesebuch*, p. 9.

<sup>62</sup> Maritain refere-se a Mircea Eliade.

<sup>63</sup> *Sobre a Filosofia da História*, São Paulo, Herder, 1962, p. 47.

Como se realiza essa conexão? Para esclarecer esta questão, seguiremos inicialmente o Cap. IX da *Verteidigungsrede für die Philosophie*.

É ponto pacífico que o filosofar não pode deixar de considerar os resultados das ciências. Ninguém diria que a Filosofia estuda a "natureza metafísica" do homem e, *portanto*, não lhe interessa o que as ciências (biológicas, sociais, do comportamento etc.) informam a respeito do ser humano.

A questão que Pieper coloca, porém, é esta:

Forma parte do autêntico filosofar a inclusão da consideração de informações sobre o mundo e a existência, que não procedem da experiência ou de argumentos de razão, mas de um setor que convém designar mediante nomes, digamos, como "revelação", "sagrada tradição", "fé", "teologia"? Podem-se acolher no filosofar tais asserções não demonstráveis empírica e racionalmente?<sup>64</sup>

Ao que responde: "Isto não só é possível e legítimo, mas até mesmo necessário"<sup>65</sup>. Esclarecendo o verdadeiro sentido da posição de Pieper, diremos, inicialmente, que ele se refere ao filosofar, à pessoa que filosofa e não à Filosofia entendida como matéria. Como diz em *Was heisst Philosophieren?*:

É de Fichte a afirmação: "A Filosofia que se escolhe depende do homem que se é". A formulação não é muito feliz, pois não se trata de "escolher" uma Filosofia. Em todo caso é claro e acertado o que o autor pretende dizer com isso. No próprio campo do saber natural as coisas não se processam de modo que baste forçar um pouco a cabeça para entrar na posse de uma verdade. Isso vale mais ainda quando essa verdade se relaciona com o sentido do mundo e da vida. Aí, com maior razão, não basta ter uma "boa cabeça", é preciso ser algo como homem, como pessoa<sup>66</sup>.

E uma pessoa - tomada em sua totalidade, diríamos "existencial" - ao filosofar, ao fazer sua "opção" filosófica, já antes (trata-se de um pré-suposto) possui uma interpretação da realidade, condição de todo o filosofar: na Teologia.

E especialmente aqui vale a distinção entre filosofar e Filosofia:

Não se trata aqui da Filosofia, mas (...) do filosofar existencial e da pessoa que filosofa. Não se trata portanto de se, numa exposição sistemática dos problemas de conteúdo da Filosofia, devem ou não intervir, por exemplo, teses teológicas<sup>67</sup>.

A importância do filosofar, como campo privilegiado da Antropologia Filosófica é tanta, que o vol. 3 das *Obras Completas* a ele está dedicado: **Schriften zum Philosophiebegriff**.

---

<sup>64</sup> p. 122. À p. 124, Pieper faz um breve e útil esclarecimento terminológico: "Por *revelação* se entende o ato originário - que simplesmente ultrapassa toda compreensibilidade - de comunicação, no qual a fala divina 'deixa-se' ouvir; é o que Platão, com um certo pressentimento, designou como a mensagem divina trazida cá para baixo por um desconhecido Prometeu. 'Tradição sagrada' refere-se ao fato da transmissão e recepção, de geração em geração, com o que se mantém presente essa revelação que uma vez ocorreu. 'Fé' é o ato pessoal de assentimento, no que a palavra de Deus que desse modo chega a nossos ouvidos é aceita como verdade precisamente em razão de sua origem. Finalmente, 'Teologia' é a tentativa de interpretar as informações supra-humanas aceitas como verdade na fé, segundo aquilo que com elas se quer realmente significar".

<sup>65</sup> p. 122.

<sup>66</sup> *Was heisst Philosophieren?*, p. 109.

<sup>67</sup> *Verteidigungsrede für die Philosophie*, pp. 122-123.

É necessário salientar que não se trata de invasão no campo da Teologia, assim como não se trata de fazer Física quando o filósofo, perguntando-se pelo ser da matéria, utiliza resultados da Mecânica Quântica.

Evidentemente uma questão decisiva no caso (e cuja resposta afirmativa representa um dos explícitos pressupostos pieperianos de que fala T. S. Eliot), é a de saber se se pode dar um falar de Deus aos homens e se tal revelação possa ser discernível por nós<sup>68</sup>.

Consideremos agora a famosa fórmula "*philosophia ancilla theologiae*" (a Filosofia é serva da Teologia), que com tanta freqüência (e pelas duas partes) tem sido mal compreendida. Na realidade, segundo Pieper, ela não indica outra coisa que a necessidade de mútua colaboração<sup>69</sup>.

Pieper esclarece no Cap. VII de *Thomas von Aquin: Leben und Werk* que a Filosofia não "serve" a nada porque ela tem a ver com a sabedoria e, portanto, não é ordenada mas é ela que ordena: "*sapientem (...) non decet ordinari ab alio, sed ipsum potius alios ordinare*"<sup>70</sup>. Esta é uma das notas que distinguem a Filosofia das ciências particulares (é claro que a ciência médica é serva da práxis curativa, a Física e a Química servem a fins técnicos, econômicos, etc.) À capciosa pergunta: "Então, a Filosofia não serve sequer à Teologia?", Pieper responde que o "tomar a serviço" da Filosofia pela Teologia é algo único e incomparável, com estrutura totalmente diferente da do serviço que as ciências prestam à prática. A Filosofia dirige-se à sabedoria em si mesma, tal como - de um modo mais elevado - o faz a Teologia. Ou seja, a Filosofia - quando se relaciona com a Teologia - não está se subordinando a um fim situado fora de si mesma; antes refere-se ao mesmo "saber sobre as últimas causas" que se realiza, de modo distinto, na fé e na Teologia.

Mútua colaboração, dizíamos, da qual a Teologia se beneficia pela manutenção de sua abertura para o todo da realidade ao invés de sucumbir à tentação de uma postura pretensamente autárquica.

O que mais nos importa aqui são, no entanto, os benefícios que a Filosofia haure do contato com a Teologia. Dois deles são apontados por Pieper no, há pouco citado. "Die mögliche Zukunft" ...: enriquecimento e inquietude.

E exemplifica com um tema de que nos ocuparemos no Cap. 4: a dupla face do conceito de Criação. Se a pessoa que filosofa crê, crê que o mundo procede do Logos divino e, *por isso*, os entes são, ao mesmo tempo, cognoscíveis e inabarcáveis pelo homem, recebe, com isso, uma fecunda linha de investigação da realidade que, de modo algum, paralisa ou obstrui a pesquisa filosófica. Pelo contrário.

Será que, no que se refere a esses temas fundamentais de qualquer filosofar, a ausência de pressupostos (*Voraussetzungslosigkeit*) apregoada por tantos filósofos não consistirá antes, como diz Eliot, em ocultar seus pressupostos de si mesmos e do leitor?

As *Obras Completas* incluem também o vol. 10, de escritos autobiográficos: **Autobiographische Schriften.**

---

<sup>68</sup> Cf. a esse respeito, por exemplo, *Was heisst Glauben?*, pp. 13-17.

<sup>69</sup> Cf. "Die mögliche Zukunft der Philosophie", in *Über die Schwierigkeit heute zu glauben*, máxime pp. 299 e ss.

<sup>70</sup> Santo Tomás, *In Met.*, I, 2, 42.